

Pedro Eiras

CARTAS REENCONTRADAS
DE FERNANDO PESSOA
A MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO

ASSÍRIO & ALVIM

Em 1995, numa ida a Paris, decidi procurar o antigo Hôtel de Nice, onde Mário de Sá-Carneiro viveu os últimos meses e se suicidou. O hotel fica em Pigalle, bairro vermelho da cidade, cheio de cinemas pornográficos e espetáculos para adultos, com os empregados à porta, a tentarem aliciar os casais, entre *néons*. Descobri o prédio numa rua mais tranquila, atrás das avenidas. Na fachada, uma placa lembrava que ali tinha vivido *le poète portugais* Mário de Sá-Carneiro; na recepção, sobre uma mesa, havia um exemplar da *Fotobiografia* do autor, publicada por Marina Tavares Dias em 1988. Inteiramente remodelado, o pequeno hotel — agora Hôtel des Artistes — não podia ter mais interesse para mim. Nada restava de Sá-Carneiro neste bairro falsamente alegre. Abandonei Pigalle com alguma amargura.

Em Outubro de 2015 desloquei-me a Paris para participar num Colóquio. Cheguei alguns dias antes e, neste ano marcado pelo centenário da revista *Orpheu*, tive curiosidade de ver como estaria o Hôtel des Artistes. Saí do metro em Pigalle. Revi a placa na fachada. Entrei, já não avistei a *Fotobiografia*. O empregado do hotel, ao balcão, perguntou-me se eu vinha reservar um quarto. Expliquei o que me levava ali. O empregado achou muito curioso eu interessar-me tanto pelo *poète portugais*; contou-me que, durante as últimas obras do hotel, tinham encontrado nas águas-

-furtadas uns papéis que eram *peut-être* dessa altura, escritos numa língua que ele não percebia, e perguntou-me se os queria ver. Eu disse que sim.

No célebre conto *The Purloined Letter*, de Edgar Allan Poe, a polícia passa a pente fino o apartamento do Ministro D., que teria roubado uma carta comprometedora de uma senhora da alta sociedade londrina, para chantageá-la. Os exames mais cuidadosos, inspeccionando todos os esconderijos possíveis, revelam-se inúteis, e o Ministro protesta a sua inocência. Quando Dupin decide visitar o apartamento, porém, avista a carta, displicentemente deixada num porta-cartas pendurado da lareira. A carta estivera sempre acessível, enquanto a polícia apenas investigava os mais perversos esconderijos: a carta fora escondida pela sua própria exposição.

Oscar Wilde, por seu turno, defende em *The Decay of Lying* que a vida imita a arte. Confesso que tenho dúvidas sobre a validade universal desse postulado; contudo, tal como a carta roubada pelo Ministro esteve sempre acessível, assim também me esperavam, pousadas sobre uma arca antiga na arrecadação do hotel, amarradas por um cordel, amarelecidas pela humidade e pelo tempo, as cartas que Fernando Pessoa escreveu a Mário de Sá-Carneiro entre Julho de 1915 e Abril de 1916.

*

Como se sabe, Mário de Sá-Carneiro parte de Lisboa a 11 de Julho de 1915, chegando a Paris cinco dias depois. As razões desta partida inesperada não são conhecidas; é provável que tenha havido algum desentendimento grave com a companheira do pai, e

2

[POSTAL]

Lisboa, 2 de Agosto de 1915

Meu querido Sá-Carneiro:

Recebi uma carta sua que levou oito dias a alcançar Lisboa. Já vê os grandes estragos que a guerra faz nos correios europeus. Perdoe pois o meu silêncio, mas estes contratempos, eu não saber bem para que endereço lhe devia escrever, e as muitas pequenas inquietações que sempre trago comigo não permitem responder-lhe tão depressa quanto desejaria.

Agradeço-lhe muito ter-me confiado este endereço do Hôtel de Nice. Conforme você pede, a ninguém darei a sua morada.

Agradeço-lhe também o seu poema, «Escala». Você todo está presente nestes versos, meu querido Amigo: «Oh! regressar a mim profundamente / E ser o que já fui no meu delírio...» Você sabe decerto, porém, que nunca voltamos a ser quem em tempos fomos, e — se o fôssemos — outros por força seríamos. Nenhum delírio, nenhuma infância existem, senão dizê-los como o vago sonho de um país que um dia incertamente atravessámos. E porque o dizemos, nós o atravessámos de veras.

Fui à livraria, como você pediu, para tratar do seu saldo pelas vendas dos *Orpheus* e dos *Céu em Fogo*.

Fale-me de si.

Um grande abraço do muito seu

Fernando Pessoa